

DEBATES

A CONCEPÇÃO SARTRIANA DE EGO TRANSCENDENTAL

*Simeão Donizeti Sass**

RESUMO: Este artigo trata da concepção de ego transcendental no pensamento de Jean-Paul Sartre. Especificamente temos a intenção de apresentar o modo como se constitui a perspectiva do ego como um objeto psíquico transcendente e as implicações dessa posição para a crítica ao solipsismo. Para efetuar essa tarefa Sartre toma como ponto de partida a idéia de intencionalidade

LE RÉSUMÉ: Cet article est au sujet de la conception de moi transcendantal dans la pensée de Jean-Paul Sartre. Spécifiquement nous avons l'intention de présenter le chemin comme la perspective du moi est constitué comme un objet transcendant et les implications de cette place pour la critique au solipsisme. Pour faire cette tâche Sartre il prend comme point de départ l'idée de l'intentionnalité.

PALAVRAS-CHAVE: *ego - transcendência - intencionalidade*

O objetivo primordial desse artigo é demonstrar o modo como Sartre constitui a concepção de ego e apontar algumas implicações que essa constituição representa no conjunto da sua obra, mais precisamente, o significado que a idéia de ego transcendental envolve ao pensarmos na teoria sartriana como uma filosofia do sujeito, que toma como ponto de partida a noção de *cogito*. É necessário, inicialmente, ressaltar que essa teoria da subjetividade se molda, aos poucos, na relação de proximidade e, ao mesmo tempo, de distanciamento das teses de Husserl. Não precisamos grifar que a mais forte influência sofrida por Sartre no período inicial de sua produção filosófica foi o estudo da teoria husserliana e de alguns textos de Heidegger. Mas essa aproximação da teoria fenomenológica não se deu de modo fortuito, ela foi permeada por um movimento de intercâmbio e de distanciamento. A importância

* Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

dos estudos de Sartre, em especial aqueles relacionados ao problema da existência, nos anos trinta, esteve intimamente ligado ao problema que ele perseguia desde os seus primeiros escritos¹. Essas preocupações estavam centradas na elaboração de uma teoria que aproximasse o rigor da reflexão filosófica dos problemas da existência cotidiana. Uma célebre frase que se consagrou com um escrito de Jean Wahl foi a necessidade de buscar o retorno “para o concreto”, exatamente o título da obra de Wahl. Podemos afirmar que Sartre pretende implementar essa proposta da filosofia francesa dos anos vinte com o esboço de seu existencialismo (termo que se consagrou posteriormente) o que exigia a adoção de uma postura que se aproximava do “realismo” filosófico. A publicação de *A Transcendência do ego* tem, nesse contexto, uma característica “singular”, ela pretende ser o ponto de partida do caminho escolhido pelo existencialista francês para constituir os pressupostos de uma filosofia “realista” que tenha como inspiração teórica a fenomenologia de Husserl mas que se distancie daquilo que ele chama de recaída idealista do fenomenólogo. Sartre considera que Husserl se manteve em uma proposta realmente inovadora ao centrar a estrutura da consciência no movimento intencional, esse postulado pode ser facilmente encontrado na quinta investigação da obra husserliana chamada *Investigações Lógicas*. O erro que Sartre aponta na fenomenologia husserliana, contudo, está na crescente valorização das noções transcendentais da consciência a ponto de Husserl conceber em *Meditações Cartesianas* a possibilidade de um *ego transcendental*. A partir desse momento, Sartre considera que Husserl foi infiel ao seu postulado primordial que é o da intencionalidade. *A Transcendência* reflete essa ambigüidade. Ela é uma proposta de constituição do ego que toma o pressuposto fenomenológico da intencionalidade, mas que se constitui como uma teoria anti-husserliana, por que Sartre formula a idéia de que o ego é transcendente e não transcendental. Qual o significado dessa diferenciação? Sartre estabelece que, ao tomarmos a noção de consciência, esta implica o movimento intencional, isso significa admitir que a consciência é esse movimento de transcender a sua dimensão interna e voltar-se para os objetos que a constituem. É nesse sentido que a consciência é transcendente. A dimensão do ego, para Sartre, deve ser pensada como estando condicionada pelo mesmo movimento. Que significa isso? Simplesmente que o ego, tal qual a consciência, é transcendente, ou seja, ele se constitui no movimento de se voltar para fora de si em direção aos outros e em direção ao mundo. Vejamos como a tese sartriana se sustenta.

¹ Podemos indicar como primeiros escritos sartrianos aqueles selecionados por Michel Contat: *L'Ange du morbide* (conto), *Jésus la Chouette* (conto) esses dois publicados em *La Revue sans titre* no ano de 1923, *La Semence et le Scaphandre* (romance inacabado), *Une défaite* (romance inacabado) e *Er l'Arménien* (escrito inacabado onde aparecem temas como o da contingência), cf. SARTRE, 1990. Também podemos inserir as versões iniciais de *A Náusea*.

A Transcendência do ego foi escrita a partir da permanência de Sartre em Berlim entre os anos de 1933 e 1934 e foi publicada pela primeira vez em 1936. Texto que foi retomado em *O Ser e o Nada* mas que sofreu algumas alterações em sua concepção geral. Os elementos iniciais do estudo evidenciam a teoria da estrutura da consciência, instaurando a idéia de ego como objeto psíquico transcendente. Sartre afirma: "L'ego n'est ni formellement ni matériellement *dans* la conscience: il est dehors, *dans le monde*; c'est un être du monde, comme l'Ego d'autrui" (T. E. p. 13). Esta primeira obra de filosofia sartriana retoma a discussão sobre a egologia iniciada por Husserl que aborda o eu e a consciência, ou ainda, a consciência relacionada com a *psique*. Sartre apresenta algumas inovações no tocante ao escrito husserliano, estabelecendo a distinção entre as duas instâncias consciência/psique. Para ele, a consciência se oferece como imediata "(...) et évident présence à soi, le psychique est un ensemble d'objets qui ne se saisissent que par une opération réflexive et qui, comme les objets de la perception, ne se donnent que par profils"². Com tal separação, Sartre estabelece a autonomia da consciência irrefletida, um dos elementos contra o erro do solipsismo que ainda estaria presente na fenomenologia de Husserl.

O ego transcendente da teoria sartriana colocaria a existência objetiva tanto do que se entende por eu (moi) quanto a existência de outrem (outra consciência). Quanto ao solipsismo, vemos que "en abolissant le solipsisme, on évitait les pièges de l'idéalisme, et Sartre dans sa conclusion insistait sur la portée pratique (morale et politique) de sa thèse"³.

Após alguns elementos genéricos, tratemos especificamente do problema da intencionalidade em *A Transcendência do ego*. O tema de maior relevância para nossa leitura pode se resumir em duas noções: *a estrutura da consciência e a idéia de ego transcendente*. Esses dois momentos indicam a relação intencional e a sua importância para a constituição do ego. Retomando o comentário de Simone de Beauvoir, podemos afirmar que "(Sartre) (...) décrivait, dans une perspective husserlienne, mais en opposition avec certaines des plus récentes théories d'Husserl⁴, le rapport du Moi avec la conscience; entre la *conscience* et le *psychique* il établissait une distinction qu'il devait toujours maintenir" (T. E. pp. 8-9). Essa posição é possível, segundo os argumentos de Sartre, porque o ego não está "(...) ni formellement ni matériellement *dans* la

² SARTRE, T. E., p. 8.

³ SARTRE, T. E., p. 9.

⁴ Simone de Beauvoir está se referindo, provavelmente, ao conjunto de teses defendidas por Husserl na conferência que ficou conhecida como *Meditações Cartesianas*.

conscience: il est dehors, *dans le monde*; c'est un être du monde" (T. E. p. 13). Essa tese resume o núcleo da perspectiva que será dada aos temas fenomenológicos.

Para estabelecer essa alteração do ponto de vista husserliano sobre a constituição do ego e tentando evitar o solipsismo, Sartre inicia a crítica das concepções tradicionais sobre o ego e retoma a teoria da *presença formal* do eu. Partindo dos pressupostos da filosofia transcendental, Sartre assegura que na *Crítica da razão pura*⁵, Kant atesta que o "eu penso" deve acompanhar necessariamente todas as nossas representações. A questão levantada por Sartre é se, de fato, o eu habita todos os estados de consciência conseguindo realizar a síntese da experiência. Sartre se interroga sobre a questão de *direito* e a existência de fato do *cogito*. A problemática kantiana surge no tratamento dado às condições de possibilidade da experiência, e não com a existência do eu. Sartre critica a tentativa de "realização das condições de possibilidade" explicitando: "Kant ne s'est jamais préoccupé de la façon dont se constitue *en fait* la conscience empirique, il ne l'a point déduite, à la manière d'un procès néo-platonicien, d'une conscience supérieure, d'une hyperconscience constituante. La conscience transcendente est seulement pour lui l'ensemble des conditions nécessaires à l'expérience d'une conscience empirique (...) réaliser le Je transcendental, en faire le compagnon inséparable de chacune de nos consciences⁶, c'est juger sur *le fait* et non sur le droit, c'est se placer à un point de vue radicalement différent de celui de Kant" (T. E. p. 15)⁷.

No caminho das interpretações dadas ao cogito, Sartre identifica, na fenomenologia husserliana, e não nas posições dos neokantianos, o âmbito apropriado para tratar essa questão, pois "(...) la phénoménologie est une étude scientifique et non critique de la conscience. Son procédé essentiel est l'intuition. L'intuition, d'après Husserl, nous met en présence de *la chose*⁸ (...) la

⁵ KANT, na *Crítica da razão pura*, escreve: "O Eu Penso deve poder acompanhar todas as minhas representações; se assim não fosse, algo se representaria em mim, que não poderia, de modo algum, ser pensado, que o mesmo é dizer, que a representação ou seria impossível ou (...) nada seria para mim", KANT, 1989, parágrafo 16.

⁶ Sartre emprega o termo consciência para traduzir a palavra *Bewusstsein* que significa consciência total, a mônada e cada momento dessa consciência. A expressão *estado de consciência* parece, a seu ver, inexata por causa da passividade que ela introduz na consciência, cf. T. E., p. 15.

⁷ Sartre tem em vista as teses de Eugen Fink.

⁸ No parágrafo 43, Husserl escreve: "Dans les actes d'intuition immédiate nous avons l'intuition de *la chose elle-même*", HUSSERL, 1989, p. 139.

phénoménologie est une science *de fait* et les problèmes qu'elle pose sont des problèmes *de fait* (...) les problèmes des rapports du Je à la conscience sont donc des problèmes existentiels" (T. E. pp. 16-8). Sartre tenta evitar, assim, a abordagem meramente *formal* sobre a existência do cogito. A consciência transcendental, nesse contexto, é retomada e compreendida pela *epoché* husserliana. A consciência, para Husserl, não é um conjunto de condições lógicas, mas um fato *absoluto*, real e acessível a cada um que opera a *redução*. Ela está no mundo com o eu (*moi*) psíquico e psicofísico, caracteres reconhecidos e compartilhados por Sartre. O problema aparece com o eu transcendental que Husserl quer instituir. Sartre interroga: "(...) ce moi psychique et psychophysique n'est pas suffisant? Faut-il le doubler d'une Je transcendental, structure de la conscience absolue?" (T. E. pp. 18-9)⁹. É a partir dessa crítica que Sartre se afasta de Husserl.

O eu transcendental, na perspectiva husserliana, surge como estrutura necessária para a realização da unidade e individualidade da consciência. Sartre, porém, discute a necessidade de se instaurar essa instância interrogando: é compatível constituir o "eu transcendental" e, ao mesmo tempo, postular a definição da consciência como intencionalidade? Sartre, categoricamente, nega a importância do "eu transcendental", pois, "la phénoménologie n'a pas besoin de recourir à ce Je unificateur et individualisant (...) [pois] la conscience se définit par l'intentionnalité¹⁰. Par l'intentionnalité elle se transcende elle-même, elle s'unifie en s'échappant" (T. E. p. 21).

Sartre sublinha que a unidade entre Je e Moi é feita pelo ego, e não pelo "eu transcendental", porque é a consciência que se unifica por um jogo de intencionalidades. Desse modo, a consciência reenvia "(...) perpétuellement à elle-même, (...) [pois] qui dit *une conscience* dit toute la conscience et cette propriété singulière appartient à la conscience elle-même, quels que soient par ailleurs ses rapports avec le Je" (T. E. p. 22). Na perspectiva sartriana, a consciência

⁹ Sylvie Le Bon assinala que o Je designa a personalidade em seu aspecto ativo, o Moi traduz a totalidade concreta psicofísica dessa personalidade. A questão é que, para Sartre, as duas instâncias são reunidas no ego. Essa diferença desestabiliza a interpretação husserliana de "eu transcendental", principalmente na forma apresentada pelas *Méditations cartésiennes*, especificamente nos parágrafos 8 e 11, cf. T. E., p. 19.

¹⁰ Sartre faz referência, provavelmente, aos momentos em que Husserl apresenta a definição de consciência intencional nas *Idéias I*: "Nous abordons maintenant un autre trait distinctif des vécus qu'on peut tenir véritablement pour le thème central de la phénoménologie orienté 'objectivement': l'intentionnalité", cf. HUSSERL, 1989, parágrafo 84, p. 282. "C'est l'intentionnalité qui caractérise la *conscience* au sens fort", HUSSERL, op. cit., p. 283. "Nous entendons par intentionnalité cette propriété qu'ont les vécus 'd'être conscience de quelque chose", cf. HUSSERL, 1989, p. 283. "Le cogito en général est l'intentionnalité explicite", cf. HUSSERL, 1989, p. 387-8.

toma o estatuto de instância autônoma, sendo limitada somente por si mesma. "Elle constitue donc une totalité synthétique et individuelle entièrement isolée des autres totalités de même type et le Je ne peut être évidemment qu'une *expression* (et non une condition) de cette incommunicabilité et de cette intériorité des consciences" (T. E. p. 23). Contrariando Husserl e, por outro lado, valorizando o princípio da consciência intencional, Sartre nega a importância do artifício unificador do eu (*je*) transcendental. É a consciência que torna possível a unidade e a personalidade do ego. Além de supérfluo, este artifício é nocivo.

Sartre, reafirmando um postulado husserliano, atesta que a consciência é "consciência de parte a parte", sendo que seu modo de existir é "o de ser consciência de si". Mas ela é, ao mesmo tempo, consciência de si enquanto consciência de um objeto que lhe é transcendente. É esse aspecto que Sartre não se cansa de grifar, muito mais do que Husserl. Na perspectiva sartriana, "(...) tout est (...) clair et lucide dans la conscience: l'objet est en face d'elle avec son opacité caractéristique, mais elle, elle est purement et simplement conscience d'être conscience de cet objet, c'est la loi de son existence. Il faut ajouter que cette conscience de conscience"¹¹ (...) n'est pas *positionnelle*, c'est-à-dire que la conscience n'est pas à elle-même son objet¹². Son objet est hors d'elle par nature et c'est pour cela que d'une même acte elle *pose* et le *saisit*" (T. E. p. 24). Sartre assegura que a criação do *eu transcendental* anula a consciência nos termos em que foi originalmente colocada por Husserl, pois "(...) tous les résultats de la phénoménologie menacent ruine si le Je n'est pas au même titre que le monde un existant relatif, c'est-à-dire un objet *pour* la conscience" (T. E. p. 26). A radicalização do primado intencional faz com que Sartre tenda a destituir o eu transcendental husserliano e tratar a questão do ego através da transcendência. Sua originalidade, em *A Transcendência do ego*, está no modo pelo qual a problemática fenomenológica da constituição do ego é considerada. Deve-se compreender o ego enquanto transcendência: "(...) à chaque fois que nous saisissons notre pensée, soit par une intuition immédiate, soit par une intuition appuyée sur la mémoire, nous saisissons un Je qui est le Je de la pensée saisie et qui se donne, en outre, comme transcendant cette pensée et toutes les autres pensées possibles" (T. E. p. 27)¹³.

¹¹ A consciência nunca é apreendida somente pelo seu lado interno.

¹² O caráter não posicional põe o problema do aspecto irrefletido do ato de consciência.

¹³ Sartre menciona a possibilidade de "refletir na recordação" apontada por Husserl em *Lições sobre a consciência interna do tempo*, particularmente o suplemento XII sobre a "Consciência interna e a compreensão dos vividos"; e o parágrafo 39 "A dupla intencionalidade da retenção e a constituição do fluxo de consciência", cf. HUSSERL, 1964.

A transcendência implica outro aspecto importante: a condição de a consciência não ser posicional de si mesma. "En tant que ma conscience réfléchissante est conscience d'elle-même, elle est conscience *non-positionnelle*. Elle ne devient positionnelle qu'en visant la conscience réfléchie qui, elle-même, n'était pas conscience positionnelle de soi avant d'être réfléchie. Ainsi la conscience qui dit *Je pense* n'est précisément pas celle qui pense (...) n'est pas sa pensée qu'elle pose par cet acte thétique" (T. E. p. 28). A consciência desse caráter não posicional é a sua dimensão irrefletida, significando que esta não necessita de uma consciência "(...) réfléchissante pour être consciente d'elle-même" (T. E. p. 29). Ela não se coloca como objeto a não ser no momento reflexivo. Vemos aqui o peso dado ao aspecto irrefletido do ato de consciência. Essa dimensão irrefletida é explicitada pela análise fenomenológica que separa a consciência em três instâncias:

Em primeiro grau está o irrefletido, não posicional de si porque consciência de si enquanto consciência de um objeto transcendente.

Em segundo grau está a consciência refletidora (*réfléchissante*) enquanto não posicional de si mas posicional da consciência refletida (atos irrefletidos de reflexão).

Em terceiro grau (ato tético em segundo grau) está a consciência refletidora (*réfléchissante*) enquanto posicional de si.

A tentativa sartriana de negar o "eu transcendental", através da radicalização do primado da intencionalidade, visa localizar a constituição do ego a partir do seu movimento para *fora* de si. Uma das particularidades de seu pensamento é estabelecer tanto a validade da consciência quanto a realidade do mundo exterior; aspectos que, partindo da fenomenologia, são relacionais. Sartre nos diz que "en fait je suis alors plongé dans le monde des objets ce sont eux qui constituent l'unité des mes consciences, qui se présentent avec des valeurs, des qualités attractives et répulsives, mais *Moi* j'ai disparu, je me suis anéanti. Il n'y a pas de place pour *Moi* à ce niveau, et ceci ne provient pas d'un hasard, d'un défaut momentané d'attention, mais de la structure même de la conscience" (T. E. p. 32). Essa passagem ilustra, claramente, a estrutura da consciência como intencionalidade.

Sartre define a estrutura do Je da seguinte maneira:

- a) O Je é um existente. Ele se dá como transcendência.
- b) Ele se entrega a uma intuição de gênero especial.
- c) Aparece somente através de um ato reflexivo.

Seu processo de constituição se dá do seguinte modo:

1) Há um ato irrefletido de reflexão sem Je que se dirige sobre uma consciência refletida.

2) Este torna-se objeto da consciência refletidora, sem cessar de afirmar seu objeto próprio (cadeira, verdade matemática, etc).

3) Ao mesmo tempo, um novo objeto aparece, ocasião para afirmar a consciência reflexiva e que não está, por conseguinte, nem sobre o mesmo plano que a consciência irrefletida (porque é um absoluto que não tem necessidade da consciência refletida para existir); nem sobre o mesmo plano que o objeto da consciência irrefletida (cadeira, etc.). Esse objeto transcendente do ato reflexivo é o Je.

4) O Je transcendente deve recair sob a redução fenomenológica. O conhecimento (conteúdo) certo do pseudo cogito não é “eu tenho consciência”, mas ‘há consciência desta cadeira’. Esse conteúdo, assegura Sartre, “é suficiente (...) para as investigações fenomenológicas” (T. E. pp. 36-7).

Sartre opõe-se ao pensamento de Kant e Husserl porque, segundo ele, ambos concebem o eu enquanto *estrutura formal* da consciência. Para o pensador francês, ao contrário, o ego é “uma contração infinita do *Moi* (eu) material”. Contrariando Husserl, Sartre realiza a conexão de Je e Moi: “Le Moi ne doit pas être cherché *dans* les états de conscience irréflechis ni *derrière* eux. Le Moi n’apparaît qu’avec l’acte réflexive et comme corrélatif noématique d’une intention réflexive (...) cet Ego, dont Je et Moi ne sont que deux faces, constitue l’unité idéale (noématique) et indirecte de la série infinie de nos consciences réfléchies. Le Je c’est l’Ego comme unité des actions. Le Moi c’est l’Ego comme unité des États et des qualités” (T. E. pp. 43-4). Em sua constituição, o ego é caracterizado pela totalidade concreta dos “(...) états et des actions qu’il supporte. (...) c’est la totalité infinie des états et des actions qui ne se laisse jamais réduire à *une* action ou à *un* état” (T. E. p. 57). Sartre assinala que o análogo da *consciência irrefletida* é o mundo: “(...) totalité synthétique infinie de toutes les choses” (T. E. p. 58).

Na distinção e correlação entre ego e consciência, um dos elementos centrais é a autonomia, porque “en vertu de cette passivité l’Ego est susceptible d’être *affecté*. Rien ne peut agir sur la conscience, parce qu’elle est cause de soi” (T. E. p. 64). Na correlação de pólos interior e exterior, o ego é “(...) l’intériorité de la conscience réfléchie, contemplée par la conscience réflexive” (T. E. p. 60).

A análise que Sartre apresenta da consciência faz com que o “eu penso” seja entendido de maneira particular. A partir dessa situação, o ego que aparece no horizonte do “eu penso” não se dá como produtor de espontaneidade consciente. A consciência se produz em face dele e para ele¹⁴. Essas considerações realizam a liberação e purificação do campo transcendental. Essa constatação envolve uma das características centrais do pensamento sartriano:

¹⁴ Cf. T. E., pp. 73-4.

o *rien*. Purificado da estrita interioridade do ego, os objetos físicos, psíquicos, as verdades, os valores, estão fora do campo transcendental, porque o *Moi* não faz parte de sua constituição essencial. Mas esse *nada*, por outro lado, é *tudo* "(...) puisqu'il est *conscience* de tous ces objets. Il n'est plus de '*vie intérieure*'" (T. E. p. 74). Não há vida interior, não há nada que seja *objeto* e que possa, ao mesmo tempo, pertencer à intimidade da consciência, o ego não é proprietário de consciência, ele é o objeto. A consciência transcendente é uma espontaneidade impessoal.

Com a referida diferença, ocorre a "liberação e purificação do campo transcendental", ou seja, é eliminada toda imanência do ego. Nesse aspecto, o ego é um *nada*: "(...) en un sens c'est un *rien* puisque tous les objets physiques, psycho-physiques et psychiques, toutes les vérités, toutes les valeurs sont hors de lui, puisque mon *Moi* a cessé, lui-même d'en faire partie. Mais ce rien est *tout* puisqu'il est *conscience* de tous ces objets" (T. E. p. 74). Para Sartre, não existe objeto na consciência que lhe seja *íntimo*. Os conteúdos da consciência, tais como dúvidas, remorsos, crises, são representações. O resultado dessa negação da vida interior está refletido no fato de que os sentimentos deixam de ser exclusivos da pessoa que os vivencia. O eu (*moi*) voltado para o exterior estabelece que "(...) la méthode d'observation exteme et la méthode introspective ont les mêmes droits" (T. E. p. 77). O que se pretende com essa inovação é estabelecer o ego não mais como propriedade interna da consciência, mas como objeto que se instaura pela transcendência. A consciência, sendo destituída do ego imanentista, ganha autonomia. Ela é espontaneidade impessoal, "elle se détermine à l'existence à chaque instant, sans qu'on puisse rien concevoir *avant elle*. (...) chaque instant de notre vie consciente nous révèle une créations *ex nihilo*. Non pas un arrangement nouveau, mais une existence nouvelle" (T. E. p. 79). Sartre quer erradicar o solipsismo, tomando-o impensável, a partir do momento em que não há situação privilegiada para a constituição do ego, pois "mon *Je* (...) *n'est pas plus certain pour la conscience que le Je des autres hommes*" (T. E. p. 85).

Sartre assegura essa definição da consciência e do ego calcada no aspecto desnecessário do ato de se colocar o *objeto* precedendo o *sujeito* para se constituir a moral baseada na realidade. "Il suffit que le *Moi* soit contemporain du Monde et que la dualité sujet-objet, qui est purement logique, disparaisse définitivement des préoccupations philosophiques" (T. E. pp. 86-7). Com a intermediação entre eu e mundo, fica estabelecido, primeiro: a inexistência de anterioridade de momentos; segundo: os dois "objetos da consciência absoluta" estão ligados simultaneamente. A consciência, purificada de seu "conteúdo", não tem sujeito privilegiado, não constitui mais agrupamento de representações,

ela é simplesmente "(...) une condition première et une source absolue d'existence" (T. E. p. 87). Em uma palavra, o *eu* tira do mundo o seu conteúdo¹⁵.

As conclusões referentes ao problema da transcendência do ego fazem parte do conjunto temático que o período posterior do pensamento sartriano terá como horizonte. A liberação "do campo transcendental" e "a consciência como espontaneidade", "a refutação do solipsismo" e a positividade da política e da moral são retomadas em desenvolvimentos posteriores.

O esboço de descrição fenomenológica, efetuado em *A Transcendência do ego*, coloca as bases iniciais do pensamento sartriano. Se buscássemos uma ligação na diversidade de suas produções, particularmente nesta fase de seus escritos, a *consciência intencional* seria a primeira manifestação. A teoria husserliana da intencionalidade, partilhada por Sartre, supera a exclusividade da função cognitiva. Esse aspecto da fenomenologia é uma das formas, dentre outras, da consciência relacionar-se com o seu objeto. É possível, além de conhecer as categorias de determinado fenômeno, estabelecer relações de ódio, amor, repulsa¹⁶.

Se o pensamento sartriano compartilha da primazia da atividade consciente, *A Transcendência* marca também certa distância do tratamento dado ao ego na tradição filosófica. O eu, na perspectiva sartriana, não é uma realidade independente, mas a modalidade *reflexa* da consciência. Decorrente dessa caracterização do ego e da polêmica contra a posição que privilegia a fase reflexiva, Sartre marca seus limites¹⁷. Ao considerar o ato reflexo como fase secundária, o que ressalta é a anterioridade do aspecto irrefletido. Para Sartre, a consciência possui, inicialmente, um modo específico de ser pré-reflexiva. Sartre apresenta a consciência como "realidade absoluta e livre". A valorização do aspecto irrefletido ganha corpo a partir da definição estrutural da consciência. O momento irrefletido é condição de possibilidade da reflexão (consciência em segundo grau). Essas considerações colocam alguns elementos ao problema

¹⁵ Sartre procura, nessa compreensão do ego, estabelecer a solução fenomenológica contra o solipsismo e, simultaneamente, inscrever-se entre realismo e idealismo. Seu objetivo é fundar a moral e a política absolutamente positivas. Sylvie Le Bon observa que as bases calcadas em *A Transcendência do ego* demonstram a continuidade das preocupações éticas e políticas fundadas fenomenologicamente, cf. T. E., p. 87.

¹⁶ As relações emotivas entre consciência e realidade exterior podem ser encontradas também na filosofia de Max Scheler. Sartre descreve em *Esboço de uma teoria das emoções* essa possibilidade da consciência intencional.

¹⁷ A fase reflexa é secundária porque, para a fenomenologia, anterior a todo ato reflexivo (fase reflexa) dá-se um pré-reflexivo. Essa anterioridade será importante para a compreensão das observações feitas ao pensamento cartesiano em *O Ser e o Nada*.

do irracionalismo característico das filosofias da existência. O apelo ao “dado imediato”, ao “intuitivo”, abre precedentes para que “idealistas e realistas” atribuam ao existencialismo o adjetivo nada construtivo de “irracionalismo”. Para Sartre, ao contrário, atestar a anterioridade do momento irrefletido é privilegiar a gradação de momentos da reflexão. Se o irrefletido fez tremer os partidários da filosofia alimentar, a valorização da consciência repugna os representantes da filosofia realista.

Gilbert Varet, um dos poucos comentadores do pensamento sartriano que investigou profundamente este problema, reafirma as críticas de Sartre contra Husserl: “Dans un article révolutionnaire sur la *Transcendance de l'Ego* qui est sans doute la clef de *L'Être et le Néant*, c'est bien toutefois dans ce sens que s'exerce la critique que Sartre adresse à la philosophie de Husserl. En faisant un sort à part à l'Ego transcendantal, Husserl a manqué par une aberration incompréhensible, due peut-être au poids de la tradition idéaliste, à la ligne directe de la phénoménologie. Le mode de transcendance que Husserl prête à l'Ego est bien plus proche de l'idéalisme kantien que du véritable mode de transcendance phénoménologique”¹⁸.

Se Husserl, na perspectiva sartriana, ainda permanece no idealismo devido ao fato de instaurar o “eu transcendental”, a solução para o impasse encontra-se no interior da própria fenomenologia. Sartre tenta radicalizar o princípio da intencionalidade. Ele “(...) assumait la totalité du programme de 'radicalisme critique' qui, avec Husserl était bien dans la phénoménologie à l'origine (...) C'est pourquoi nous pouvons concevoir que l'intentionnalité husserlienne soit ici à la fois thèse doctrinale fondamentale et unique procédé de preuve”¹⁹. Para finalizar, ressaltamos, com Varet, que o conceito de intencionalidade é primordial para o pensamento de Sartre. A crítica sartriana ao postulado do “eu transcendental” possibilitou a abertura do caminho para se pensar a *consciência como um ato de negação*, posição desenvolvida em *O Ser e o Nada*; mas este tema merece um trabalho mais aprofundado que não se situa na análise que intentamos com esse artigo; devemos ressaltar, somente, que o postulado da transcendência do ego marca a posição inquestionável de que a intencionalidade é o principal conceito que Sartre extrai da fenomenologia. Tese indispensável, se nos lançarmos na tarefa de compreender o modo como ele concebe a consciência e a noção de ego.

¹⁸ VARET, 1948, p. 18.

¹⁹ VARET, 1948, p. 77. Ainda que Varet utilize o conceito de intencionalidade para justificar a existência de uma ontologia no existencialismo sartriano, suas considerações reforçam a primazia do conceito de intencionalidade.

BIBLIOGRAFIA

HUSSERL, Edmund. *Idées directrices pour une phénoménologie*. Tradução de Paul Ricoeur. Paris, Gallimard, 1989.

_____. *Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps*. Tradução de Henri Dussort. Paris, P.U.F., 1964.

_____. *Méditations Cartésiennes*. Tradução francesa de Gabrielle Peiffer e Emmanuel Levinas. Paris, Vrin, 1966.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. Tradução de Manuela P. dos Santos e Alexandre F. Morujão. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. *Écrits de jeunesse*. Paris, Gallimard, 1990.

_____. *La Transcendance de l'ego*. Paris, Vrin, 1978. Indicado no texto pela sigla (T. E.).

VARET, Gilbert. *L'Ontologie de Sartre*. Paris, P.U.F., 1948.